

Análise Psicológica (2001), 3 (XIX): 345-364

Diversidade e comportamentos juvenis

Um estudo dos estilos de vida de jovens de origens étnico-culturais diferenciadas em Portugal

ISABEL RESGATE (*)

APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA

Os estilos de vida e a saúde estão intimamente ligados, sendo os factores ambientais, os hábitos alimentares, o hábito de fumar, o uso e abuso de álcool e drogas, a actividade sexual desregrada, influenciadores de um desenvolvimento integral harmonioso e saudável. A aquisição e sedimentação de muitos dos comportamentos e hábitos, nem sempre os mais salutaros, determinantes para a saúde na idade adulta, ocorrem durante a infância e a adolescência. A juventude é o reflexo, da sociedade em que se insere, culturalmente heterogénea, marcada pela discriminação, pelas desigualdades económicas e sociais, pela existência de sistemas culturais diferenciados e hierarquizados – um que domina e outros minoritários.

Os jovens oriundos de grupos étnico-culturais minoritários, pela peculiaridade das pressões, a

que estão sujeitos – aculturação, discriminação, racismo, desenraizamento, preconceito – poderiam evidenciar prevalência de condutas problemáticas, mas na verdade, e apesar de viverem em condições essencialmente adversas, estes jovens não se envolvem ou envolvem-se com menor frequência em comportamentos-problema (Bachman et al., 1991; Wallace & Bachman, 1994).

A *adolescência* caracteriza-se por um processo de transformação, com mudanças rápidas ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se o jovem com a definição da própria identidade e autonomia. Frasquilho (1996, p. 91) refere a relevância daqueles factores, mencionando a existência de domínios de homogeneidade, mas sublinha que «a heterogeneidade decorrente dos tecidos socioculturais não pode ser negada. Neste sentido a adolescência não é um fenómeno universal». Para a autora os adolescentes são «os actores principais de

(*) Escola Secundária Elias Garcia.

múltiplas “epidemias” que grassam na actualidade: abuso de drogas, doenças sexualmente transmitidas, violência social, suicídio, acidentes de viação».

Bachman et al. (1991), Wallace e Bachman (1994) referem que os jovens de origem africana não se envolvem – ou envolvem-se com menor frequência – em comportamentos-problema, apesar de apresentarem características associadas a estilos de vida que envolvem perigosidade (normalmente são mais pobres, provêm de famílias mono-parentais, e são sujeitos a pressões específicas – aculturação, desenraizamento, preconceito). Sugere-se a existência nestes grupos, de factores que influenciam positivamente o comportamento dos jovens: a existência de laços familiares fortes, a religiosidade e o envolvimento em organizações sociais, que aumentam a coesão social e o apoio mútuo (Gibbs & Hines, 1989; Amey, Albrecht & Miller, 1996).

São aplicáveis aos estudos dos comportamentos juvenis e aos seus contextos, alguns *modelos teóricos* gerais, entre os eles o Modelo de Influência Social e O Modelo de Desenvolvimento Social. O Modelo de Influência Social, inspira-se fortemente em várias teorias anteriores como a Teoria de Aprendizagem Social, a Teoria da Acção Racional, a Teoria de Controlo Social e a Teoria do Grupo de Pares. O seu foco primordial é a influência das forças sociais (pares, pais e média) nos indivíduos, nas suas interacções situacionais e as suas percepções sobre as normas relacionadas com o uso e abuso de substâncias (Flay, 1985; Hansen, 1988). O Modelo de Desenvolvimento Social, incorpora o conjunto dos vários domínios, interrelacionados, relevantes e potencialmente influenciadores do comportamento, que vão desde a vulnerabilidade bioquímica e genética no plano individual, às normas e às leis na área societal. Estes determinantes negativos constituem padrões etiológicos similares para os comportamentos perigosos, tendo sido sistematizados por Hawkins, Catalano e Miller (1992).

Numerosos *factores* são susceptíveis de influenciar os comportamentos juvenis: factores de natureza individual – auto-conceito, depressão e «stress» «locos de controlo» – e factores sócio-culturais – a família, a escola, o grupo de pares, as actividades de ocupação de tempos livres, as

tensões inerentes às situações de aculturação e a etnicidade.

Quanto à *família*, a qualidade dos laços familiares e das normas transmitidas, a modelação parental, a disfunção familiar, a natureza da estrutura familiar e os estilos educativos, são relevantes no envolvimento no uso e abuso de substâncias (Andrews et al., cit. por E. R. Oetting, & J. F. Donnermeyer, 1998; Hawkins & Fitzgibbon, 1993); Relativamente às diferenças étnicas, os jovens de origem africana relatam que as suas famílias têm mais influência no seu uso de substâncias do que os de origem europeia (Catalano et al. e Swaim et al., cit. por E. R. Oetting, & J. F. Donnermeyer, 1998).

No que diz respeito à *escola*, esta é responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais. Esta função é comprometida pela existência de laços ténues e pelo abandono escolar precoce que facilitam o desenvolvimento de condutas perigosas como o consumo de substâncias (Fagan & Pabon e Tildesley et al., cit. por E. R. Oetting & J. F. Donnermeyer, 1998). Quanto aos grupos étnicos, a actuação da escola é mais reduzida por serem os seus jovens aqueles que apresentam maiores dificuldades de adaptação e índices mais elevados de abandono.

Relativamente ao *grupo de pares*, podemos concluir que, na generalidade, para os jovens, a convivialidade com os amigos se reveste de extrema importância, e que os comportamentos individuais são influenciados pelas normas grupais. O facto de a socialização dos jovens decorrer distante da supervisão dos adultos e das instituições centralizadas, possibilita o desenvolvimento de normas e valores que podem conduzir à emergência de comportamentos desviantes (B. Detry, & A. Cardoso, 1996, p. 68). Considerando as diferenças étnicas, as correlações entre comportamentos desviantes e influência de pares são menores nos grupos minoritários (Newcomb & Bentler; Gottfredson & Koper, cit. por E. R. Oetting & J. F. Donnermeyer, 1998).

Reportando-nos aos *tempos livres*, quando os jovens ocupam os tempos de lazer construtivamente raramente se envolvem em actividades prejudiciais. Nomeadamente, na prática de desporto, o jovem assume um papel activo adquirindo e desenvolvendo valores como o auto-controlo, a resistência, o cumprimento de regras, a solidariedade, a responsabilidade. A diversida-

de de situações sociais e culturais tornam heterogênea a experiência de ser jovem, mesmo no âmbito das práticas de lazer.

Considerando as questões inerentes à *aculturação*, para Segal (1997) no processo de adaptação a uma nova cultura o indivíduo poderá reagir de três formas: a) estabelecer ou manter vínculos com o grupo cultural a que pertence, de modo a restabelecer ou dar continuidade à cultura tradicional no novo contexto; b) comportar-se como se permanecesse na sua cultura tradicional, apesar do contexto, e dar a entender aos outros que serão seles que têm que se adaptar a ele; c) aceitar os novos valores e padrões de comportamento. Qualquer das escolhas terá consequências para a saúde física e mental, reflectindo-se na estrutura da personalidade.

O jovem na adolescência passa por um processo complexo de desenvolvimento. O processo de aculturação intensifica os problemas típicos desta fase de desenvolvimento, como a (re)construção da identidade pessoal. Berry e Annis (1974) consideraram a mudança cultural, a quebra dos laços familiares, a mudança brusca de ambiente, as barreiras linguísticas e a discriminação como factores indutores de pressão entre os jovens.

Em relação à *etnicidade*, investigações efectuadas nos EUA, tendo em conta subgrupos étnico-culturais diferenciados, revelaram a existência de padrões mais elevados de bebida e de consumo de drogas ilícitas entre os jovens de origem europeia, comparativamente aos de origem africana e asiática (Barnes & Welte, 1986; Bachman et al., 1991; Wallace & Bachman, 1994; Wallace, Bachman, O'Malley & Johnston, 1995).

No que se refere à *religião e religiosidade*, a denominação religiosa está apenas relativamente relacionada com o uso de substâncias, a delinquência e a actividade sexual precoce. A religiosidade, avaliada pela frequência regular da igreja e pelo valor subjectivo da religião para o indivíduo, está fortemente relacionada com o não consumo de substâncias, enquanto que a inexistência de actividade ou afiliação religiosa, está correlacionada com o seu uso (Irwin et al., cit. por Igra et al., 1996; Donovan, Jessor & Costa, 1988, 1991).

Considerámos como temáticas de abordagem mais pertinente: os *hábitos alimentares*, o *consumo*

de álcool, tabaco e outras drogas e o *VIH/SIDA*. As necessidades nutricionais do adolescente são específicas, sendo no entanto as influências de natureza psicológica, familiar e cultural as principais modeladoras dos consumos alimentares nesta faixa etária. O consumo de álcool em crianças e adolescentes constitui um problema grave, tanto mais que está na origem de baixo rendimento e abandono escolar, atitudes violentas, suicídios, homicídios, formas de mortalidade juvenil, passagem ao uso de substâncias ilícitas, e contracção de SIDA (Boruch et al., 1991). Um número significativo de jovens, continua a iniciar o uso de tabaco na adolescência, merecendo o seu consumo atenção especial, pelas consequências adversas na saúde, a médio e longo prazo. A insatisfação generalizada do jovem relativamente ao seu presente imediato, acrescida da não perspectivação de um futuro animador, constitui factor determinante para o início do consumo de drogas ilícitas. A infecção pelo VIH/SIDA é actualmente, segundo a O.M.S, o problema de saúde de maior gravidade a nível mundial. Verifica-se que a maior parte dos casos de VIH/SIDA não ocorrem na adolescência, mas que alguns deles são contraídos nessa faixa etária. Sendo a maior parte dos comportamentos associados ao VIH de natureza interpessoal, a SIDA só pode ser combatida através da promoção de comportamentos e atitudes sociais ajustadas. É importante referir-se que os adolescentes não são uma população homogênea, dependendo a eficácia de medidas a tomar da sua adequação às necessidades específicas dos subgrupos. Impõe-se assim que as intervenções sejam culturalmente sensíveis e apropriadas ao nível de desenvolvimento, bem como relevantes para ambos os sexos.

TRABALHO DE CAMPO

O nosso estudo da realidade portuguesa, tem como finalidade contribuir para um conhecimento mais aprofundado de uma população adolescente de origens diferenciadas – africana, asiática e portuguesa –, através da detecção e compreensão de algumas das suas diferenças mais significativas. Tal finalidade operacionalizou-se nos seguintes objectivos:

- Identificar o que mais acentuadamente distingue os jovens de diferentes contextos étnico-culturais nos domínios: familiar, escolar, pessoal e social, religioso, relativos à identidade, aos hábitos de lazer e de saúde, bem como a opinião dos jovens quanto às razões que determinam os consumos prejudiciais e possíveis soluções.
- Estabelecer eventuais relações entre o que distingue os jovens e o surgimento e/ou consolidação de comportamentos perigosos.
- Identificar os consumidores de substâncias nocivas (essencialmente de álcool, tabaco e drogas ilícitas) e relacionar o seu uso/consumo com factores de natureza psicossocial (intrapessoal, familiar, relacional e escolar).

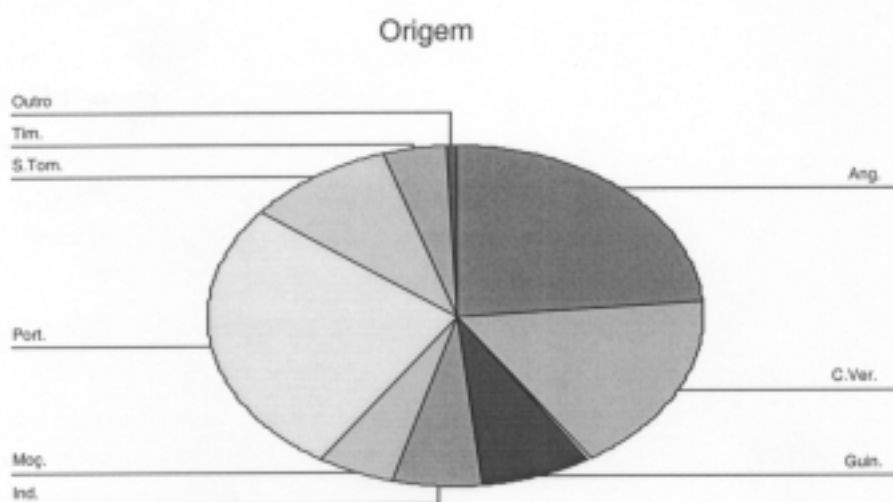
O estudo baseou-se na aplicação de um questionário de auto-aplicação a uma população de adolescentes. O questionário foi construído em 13 blocos: A. Vida Social e Escolar; B. Perspectivas de Futuro; C. Hábitos Alimentares; D. Consumo de Álcool; E. Consumo de Tabaco; F. Consumo de Droga; G. HIV/SIDA; I. Conhecimentos, II. Atitudes e III. Aquisição de Conhecimentos; H. Envolvimento Religioso; I. Dados Pessoais; J. Dados Familiares; L. Condições de Habitabilidade; M. Ambiente Familiar e N. Au-

to-Conceito. O lançamento do inquérito teve lugar, em horário escolar e em ambiente de sala de aula, durante 55 minutos.

Foi realizado um primeiro pré-teste que consistiu na aplicação do inquérito a uma população diversificada, em faixa etária e ocupação profissional. O questionário foi aplicado, em segundo pré-teste, a 12 alunos da Escola dos 2.º e 3.º Ciclos do Monte de Caparica (integrada no Conselho de Almada), sendo estes jovens de origem étnico-cultural diferenciada e de idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos (de ambos os sexos). Após o segundo pré-teste foram feitas as alterações necessárias. O inquérito foi depois aplicado numa turma de 30 alunos, também de origens étnico-culturais diferenciadas, e dentro do nível etário da população sobre a qual iria incidir o estudo, não tendo resultado quaisquer alterações. Seguidamente foi aplicado à população a estudar.

Os dados foram introduzidos num programa estatístico (SPSS). Os resultados decorrem da análise de tabelas de contingência, em que a variável origem é cruzada com as restantes variáveis. Os quadros de dupla entrada referentes aos cruzamentos, são acompanhados dos testes estatísticos necessários à interpretação de significância dos seus resultados. O grau de signifi-

FIGURA 1
Distribuição dos elementos da amostra em função da origem



cância estatística, obteve-se efectuando o teste de «chi-square».

A amostra é constituída por 288 elementos, alunos de escolas seleccionadas por conterem o maior número de jovens de origem diferenciada e situadas em zonas limítrofes dos distritos de Setúbal e Lisboa. Destes 288 jovens, 68 são Angolanos, 49 Cabo-Verdianos, 22 Guineenses, 20 Indianos, 14 Moçambicanos, 78 Portugueses, 34 S. Tomenses, e 12 Timorenses. As idades situam-se entre os 10 e os 19 anos.

Apesar da relevância dos dados obtidos, as limitações inerentes à construção de um artigo apenas permitem uma apresentação sintética e representação gráfica de alguns dos dados disponíveis. O grau de significância estatística, efectuado o teste de «chi-square», em que se tem a diferença indicada por: ** altamente significativa ($P = < 0,01$) e * significativa ($P = < 0,05$), é assinalado junto de algumas variáveis.

Dos dados obtidos podemos concluir que os jovens de origem portuguesa e angolana se encontram representados maioritariamente e em percentagens muito idênticas, respectivamente com 26.4% e 23.6%. Seguidamente temos os Cabo-Verdianos com 17.4%, e por fim os grupos

com percentagens inferiores a 10%: 9.7% S. Tomenses, 7.3% Guineenses, 5.9% Indianos, 4.9% Moçambicanos, 4.2% Timorenses (Figura 1).

No que se refere aos aspectos *socio-demográficos*, salienta-se a reduzida representatividade das jovens de origem indiana. A maioria dos adolescentes tem idade compreendida entre os 10 e os 14 anos, exceptuando-se os Angolanos e Portugueses, cuja idade predominante, se situa entre os 15 e os 19 anos (Figuras 2 e 3).

O grau de escolaridade dos pais situa-se predominantemente no nível básico, registando-se contudo, um elevado grau analfabetismo nas mães Cabo-Verdianas. A profissão dominante é a de operário especializado e não especializado, no caso do pai. Distinguem-se os Angolanos por neles se verificar, mais no que diz respeito ao pai, a existência de profissões de nível médio. A profissão de doméstica prevalece no que se refere à mãe.

Quanto ao vector *familiar*, a presença da mãe poderá estar relacionada com o facto de a maioria dos jovens assinalarem ter facilidade em conversar com ela sobre as suas preocupações, enquanto que com o pai essa capacidade de diá-

FIGURA 2
Representação da amostra por sexo

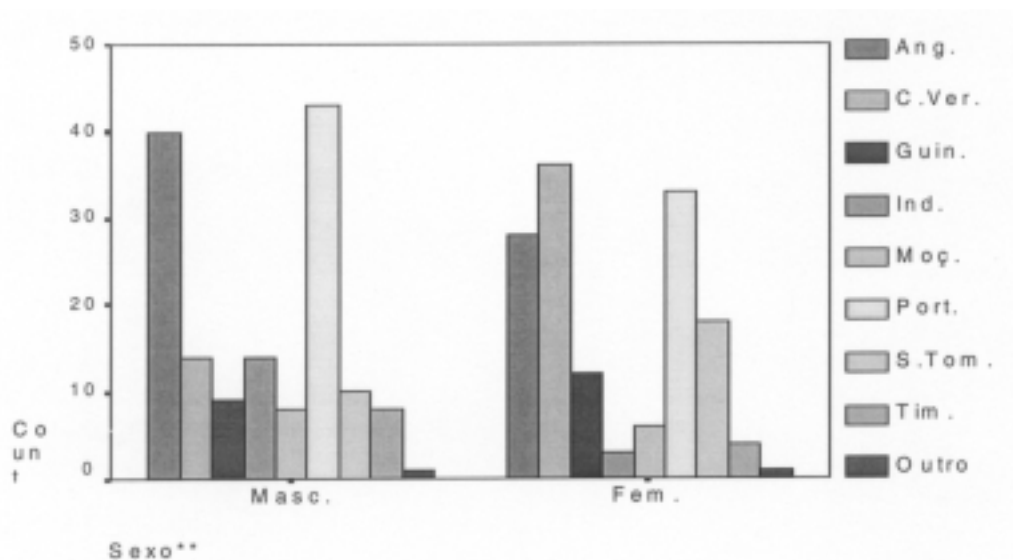
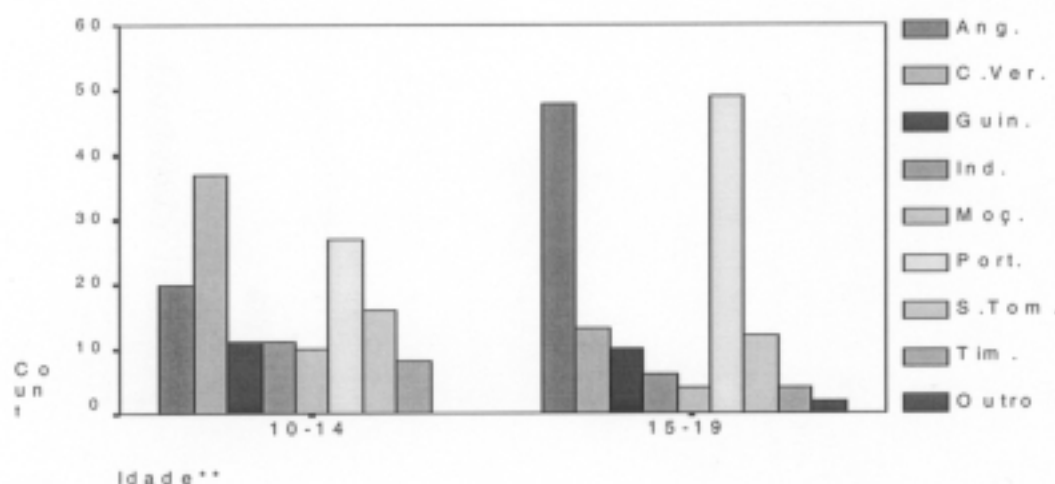


FIGURA 3
Representação da amostra por idade



logo é difícil. Reforça esta nossa conclusão o facto do maior o número de mães trabalhadoras se verificar no grupo dos Portugueses, nos quais concomitantemente predomina a não existência de «alguém com quem falar». Para os jovens, é contudo, entre os irmãos e os amigos que mais facilmente dialogam sobre os seus problemas, como resulta da interpretação dos dados do inquérito que elaborámos. A família nuclear predomina nos diversos grupos, excepto nos S. Tomenses, nos quais sobressai a existência da família monoparental, podendo este fenómeno estar relacionado com o facto dos jovens S. Tomenses se destacarem por sentirem sempre falta de apoio e falta de confiança em si próprios, o que certamente dificulta a sua sociabilização. O ambiente familiar, o tipo de autoridade e a capacidade de transmissão de normas comportamentais e sociais por parte dos familiares é um elemento predominante para o favorecimento ou desincentivo de consumo de substâncias nocivas entre os adolescentes. A disponibilidade dos pais a nível do seu acompanhamento presencial, e da sua preparação cultural, é segundo o nosso estudo um elemento importante, visto que os jovens Portugueses são os que menos acompanhamento possuem por parte dos familiares e

logicamente aparecem no nosso inquérito como os que revelam comportamentos de maior consumo de substâncias nocivas (álcool e tabaco). Confirmamos assim que o grupo dos jovens Africanos revelam que os familiares têm mais influência no seu uso de substâncias, ao contrário do que acontece com os de origem europeia. Constata-se ainda a existência de pouca severidade por parte dos pais/familiares dos jovens Portugueses contrastando com a muita severidade nos jovens não Portugueses: Cabo-Verdianos, S. Tomenses, Guineenses e Indianos.

No que diz respeito a *si próprios*, os adolescentes portugueses são aqueles que mais gostam de se parecer com figuras mediáticas, e apenas uma reduzida percentagem, gosta de se parecer consigo próprios ou com os seus antepassados, ao contrário do que se verifica nos adolescentes não Portugueses, essencialmente nos Angolanos e nos Cabo-Verdianos. O facto de os jovens Portugueses terem como modelo predominante figuras dos Media e não elementos da sua família, indicia até que ponto se verifica a intromissão dos meios de comunicação sociais em detrimento da influência modelar da família. Gostaríamos ainda de destacar a tendência dos Africanos para valorizarem a sua evolução pessoal,

consentânea com os modelos sociais decorrentes das suas raízes e identidade étnico-cultural. O sentimento de marginalização, falta de apoio e falta de confiança em si próprio é marcante nos jovens não Portugueses, em especial nos S. Tomenses, Cabo-Verdianos e Angolanos. Esta constatação vem corroborar o que Gibbs (1984), salienta: que os jovens de origem africana vivem mais frequentemente situações de marginalização e discriminação.

Na ocupação dos *tempos livres e convívio*, concluímos que os adolescentes dedicam as suas horas de lazer sobretudo a ver a televisão. A predominância da televisão é uma constatação do nosso trabalho já salientada por Schmidt em 1993 (cit. por B. Detry, & A. Cardoso, 1996). Para aquele autor, «os tempos livres dos Portugueses são fortemente marcados pela exposição à televisão». Depois daquela actividade ouvir música e passear no centro comercial, são as ocupações preferenciais. Os jovens Portugueses distinguem-se por serem os que em maior número frequentam cafés e casas de jogos (Figura 4).

O grupo dos adolescentes Portugueses apresenta igualmente a percentagem mais elevada de familiares que frequentam bares e discotecas. É de destacar que apesar de os jovens não Portugueses, em especial os Angolanos, possuírem uma elevada percentagem de amigos que frequentam bares e discotecas, não se revelam co-

mo o grupo que apresenta, no nosso relatório, o maior consumo de álcool e tabaco. Os Indianos destacam-se pelo hábito de frequentar centros comerciais e viverem mais circunscritos ao seu habitat, mantendo predominantemente contactos com a família. O convívio, independentemente da origem, desenvolve-se preferencialmente com os amigos dos jovens.

O estudioso destas questões deve contudo ter em conta dois factores, por um lado o facto de as respostas dos jovens se relacionarem intimamente com o respectivo estatuto socio-económico, o qual está em dialéctica interacção com os hábitos sócio-culturais que lhe são próprios; por outro lado é patente que em qualquer resposta de um adolescente, e para além dos elementos explicitamente referidos pelo jovem, deveremos ter em conta a subjectividade e as próprias condicionantes decorrentes do enquadramento psicosocial do jovem.

Relativamente à *identidade e aculturação*, concluímos que a origem dos jovens se relaciona significativamente com o seu envolvimento em actividades de natureza cultural específica. Contrastando com os adolescentes Portugueses, a maioria dos jovens de origem não portuguesa, Angolanos, Cabo-Verdianos, Guineenses, S. Tomenses, Indianos e Moçambicanos participam em actividades ligadas a aspectos culturais que lhe são próprios, nomeadamente dança, festas

FIGURA 4
Distribuição dos diferentes grupos em função de locais de lazer

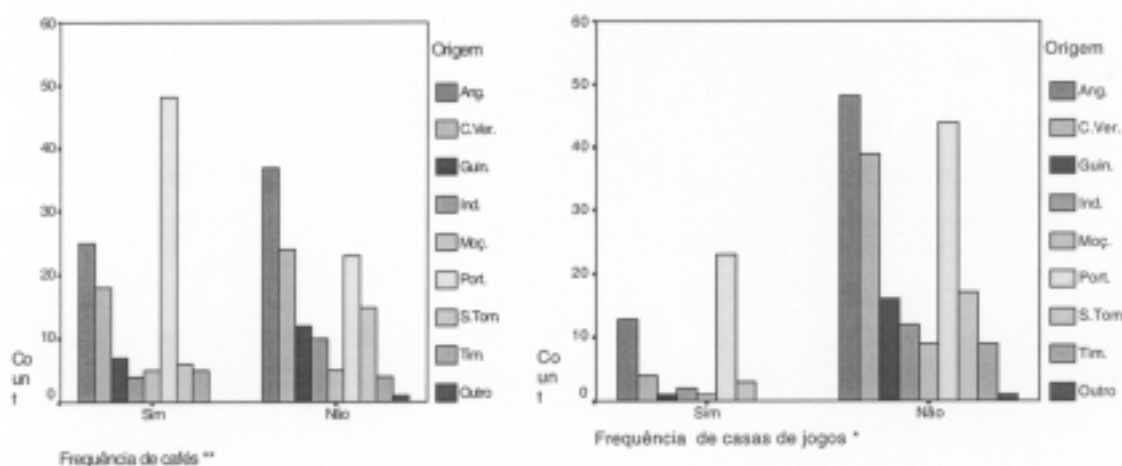


FIGURA 5
Distribuição dos diferentes grupos em função de actividades de natureza cultural

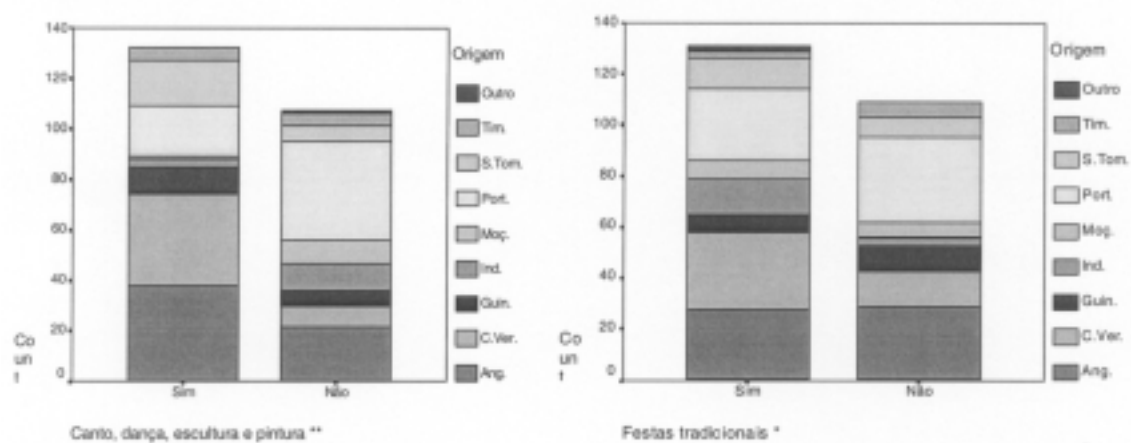


FIGURA 6
Distribuição dos diferentes grupos segundo a aprendizagem da língua-mãe

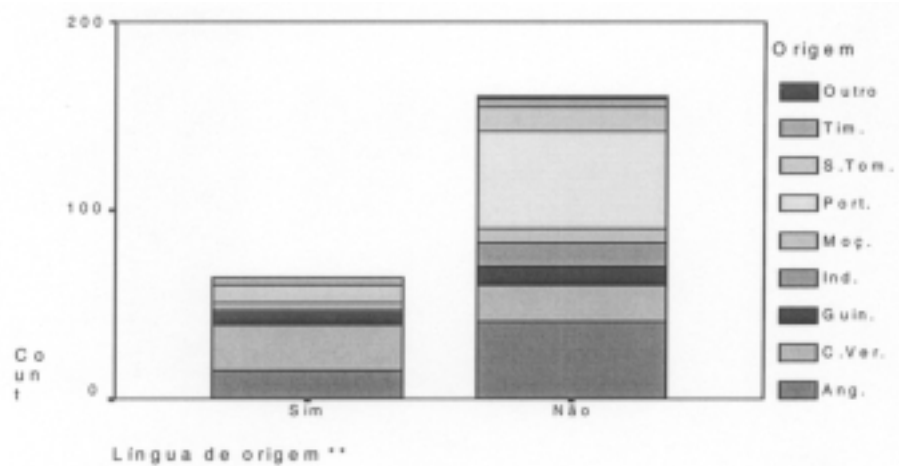
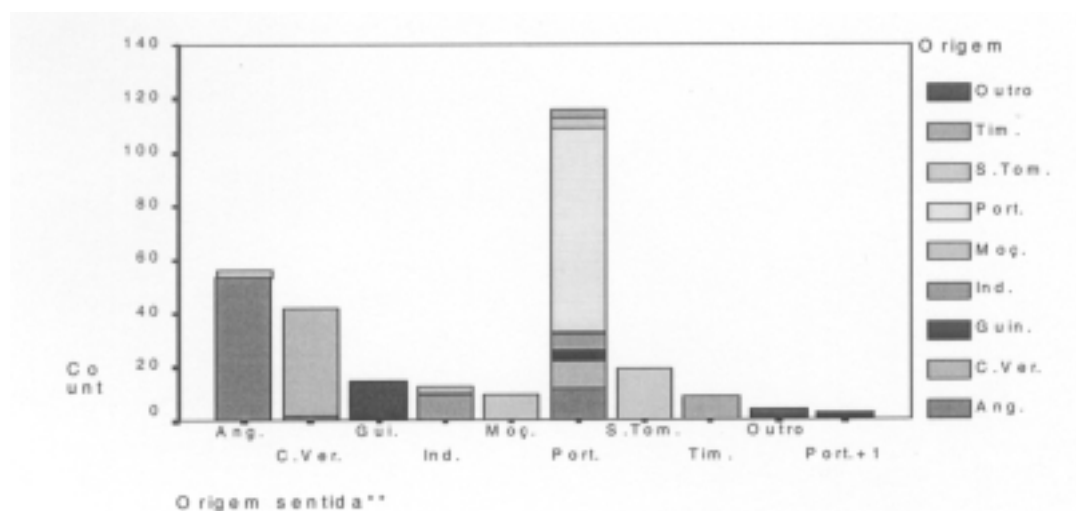


FIGURA 7
Distribuição dos diferentes grupos em função da origem sentida



tradicionais e aprendizagem da língua-mãe (Figuras 5, 6 e 7).

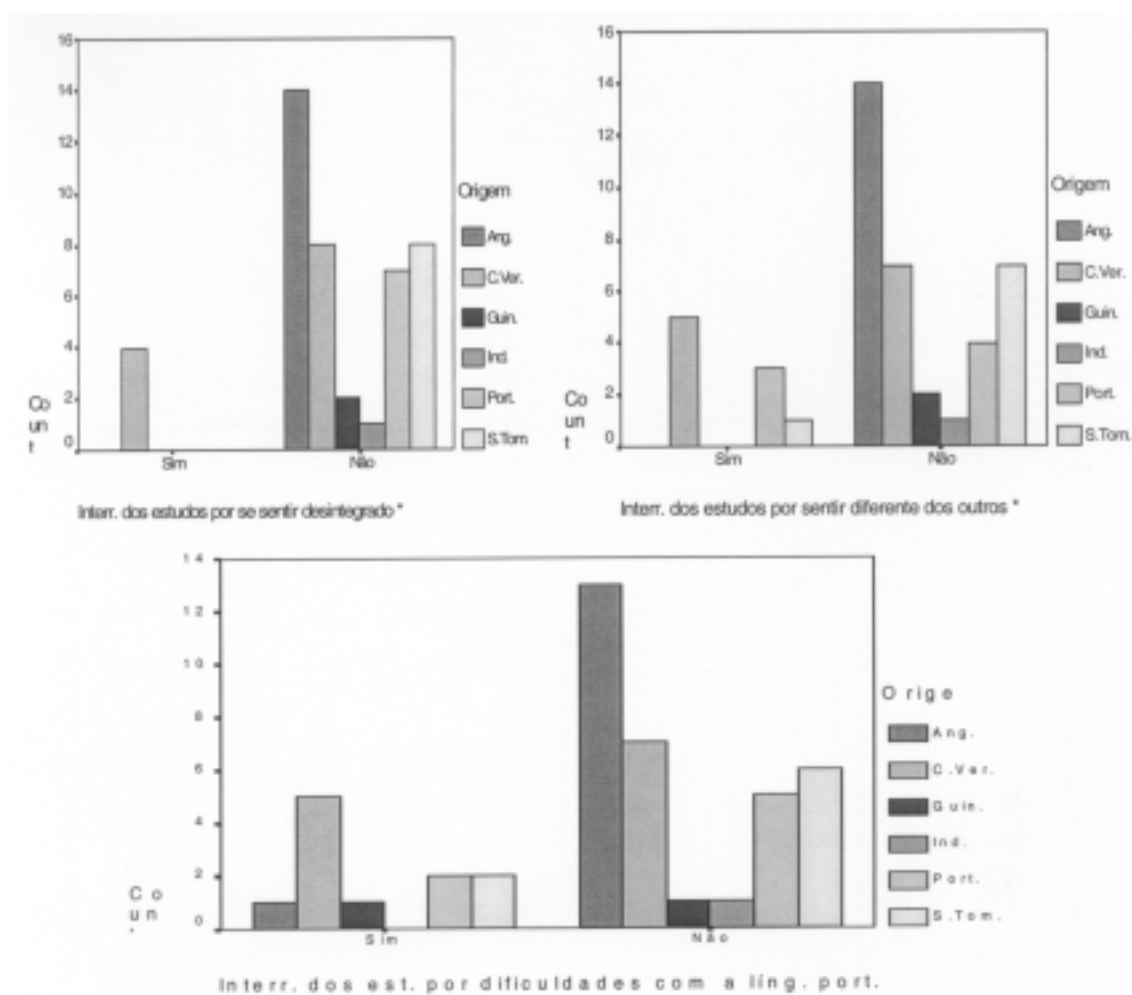
A defesa e manutenção da identidade que sentem como sua manifesta-se ainda na preferência em ir viver no seu país de origem, sendo também relevante o facto de serem os jovens não Portugueses, essencialmente os Cabo-Verdianos e Angolanos, que mais manifestam gostar de se parecer com os seus antepassados, distinguindo-se também neste aspecto dos Portugueses. Nas actividades mencionadas, estão também significativamente envolvidos os familiares e os amigos dos adolescentes não Portugueses. O estabelecimento e manutenção de vínculos com o grupo cultural de pertença, dando continuidade à cultura tradicional, são assim consentâneos com as teorias de Segal (1997).

O jovem adolescente está naturalmente numa fase de reconstrução da sua identidade. No caso de adolescentes de grupos étnico-culturais minoritários, este processo de reconstrução da identidade é ainda mais difícil e complexo, significando um agravamento das pressões e tensões psicossociais a que estão sujeitos. Coerentemente com o postulado que acabámos de referir, constatámos igualmente no nosso estudo, que adolescentes não Portugueses resistiam de alguma

forma à aculturação, por parte da sociedade portuguesa que os acolheu. Neste contexto se enquadra a participação dos jovens não Portugueses nas actividades tendentes a dar continuidade aos modelos culturais ancestrais, nomeadamente a música e a dança.

Quanto ao *âmbito escolar*, não podemos deixar de referir que o fenómeno de marginalização ou de sentimento de pertença a um grupo minoritário é factor agravante do insucesso escolar. Existem diferenças significativas entre a origem e o ano de escolaridade, verificando-se menor frequência no 9.º ano, em todos os grupos de jovens excepto no caso dos Angolanos. Quanto aos jovens Cabo-Verdianos, eles são o terceiro grupo com a taxa mais elevada de insucesso escolar imediatamente após os Angolanos e Portugueses, registando-se nestes últimos o número mais elevado de duas ou mais repetências. Mais uma vez a aculturação e a marginalização se apresentam como duas faces da mesma moeda, exercendo as suas pressões e tensões contraditórias, segundo a sensibilidade de cada indivíduo e do seu grupo étnico. Neste sentido se podem também interpretar as razões de interrupção dos estudos ou mesmo de abandono da escola, em relação com a origem dos adolescentes do nosso estudo. É as-

FIGURA 6
Distribuição dos diferentes grupos segundo a aprendizagem da língua-mãe



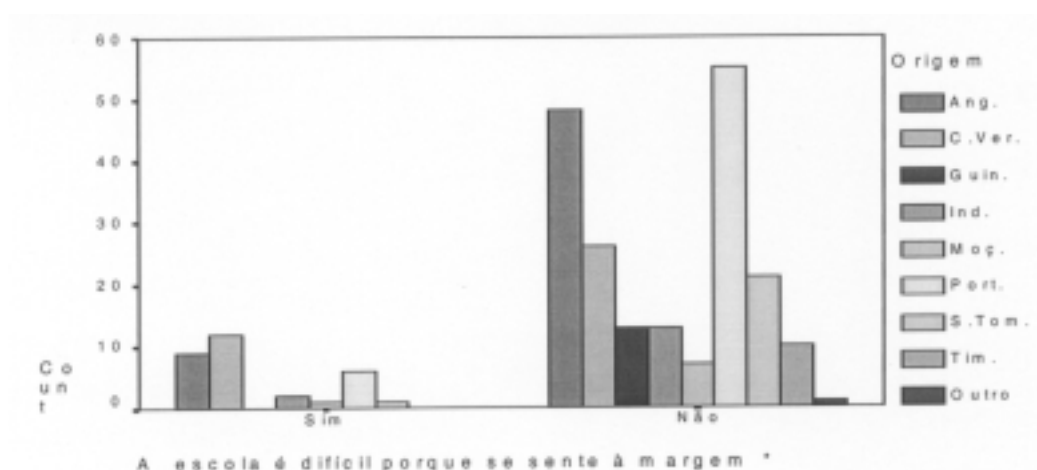
sim que os jovens Cabo-Verdianos são os únicos que apresentam como argumento para o abandono escolar o facto de se sentirem desintegrados e diferentes dos outros (Figura 8).

Observam-se igualmente elementos que afectam transversalmente (independentemente das suas origens) os grupos étnico-culturais adolescentes do universo escolar, alvo do nosso estudo, como o caso da dificuldade generalizada com o domínio da língua portuguesa. Pese embora o facto de os adolescentes terem um conhecimento satisfatório da língua portuguesa, esta surge como motivo de interrupção dos estudos

em todos os grupos, incluindo o dos Portugueses, constituindo apenas excepção nos adolescentes Indianos (Figura 8).

A função da sociabilização da escola, apesar de estar bem patente nos comportamentos dos adolescentes, não abarca de forma uniforme e universal todos os seus grupos étnico-culturais. Assim é que, esse nível de sociabilização é condicionado pela sensibilidade individual do adolescente, pelas suas raízes étnico-culturais particulares, bem como pelo grupo de amigos dentro do qual o jovem se insere, e o qual por si só corporiza um determinado nível de resistência à ho-

FIGURA 9
Distribuição dos diferentes grupos segundo a opinião quanto à escola



mogeneização, inerente a uma estrutura escolar. Para os jovens do nosso estudo, a escola é um local importante porque os prepara para a vida, lhes dá formação, viabiliza o emprego futuro e propicia os amigos. Este último aspecto é marcante para os jovens Moçambicanos e Timorenses, enquanto que os adolescentes Angolanos e Cabo-Verdianos se distinguem por significativamente não considerarem a escola um lugar onde fazem amigos. Relacionada com esta constatação poderá estar o facto de estes dois últimos grupos considerarem que a escola é difícil, por se sentirem marginalizados (Figura 9).

Paralelamente gostaríamos de realçar como elemento positivo o interesse e sensibilidade da maioria do corpo docente, visto os jovens considerarem que os professores se interessam sempre por eles como pessoas, embora tenham dificuldade em dialogar com aqueles sobre os seus problemas (Figura 10).

Quanto às aspirações académicas dos jovens verificámos que estas estão condicionadas pela sua ascendência étnico-cultural: os Angolanos destacam-se por pretenderem atingir um nível de formação superior, os Portugueses uma formação técnico-profissional e os Indianos por somente 18.8% pretender obter um grau superior e 50% pretender atingir apenas a escolaridade básica. Estes dados poderão ser interpretados pelas teo-

rias de autores como Flewelling & Bauman (1990), que consideram que o percurso educativo dos jovens depende do estatuto socio-económico e cultural da família (Figura 11).

O futuro é por definição o tempo da juventude. São os jovens que construirão o seu e o nosso futuro, no sentido de futuro da comunidade em que se inserem. O nosso inquérito teve a preocupação de auscultar os jovens quanto a questões que nos ajudassem a compreender o seu presente, mas que igualmente nos pudessem dar indicações de como antevêem ou perspectivam o seu futuro. Seria de esperar que no nosso universo de estudo, estes adolescentes definissem como infeliz o seu quotidiano. Contudo (e surpreendentemente ou não) não só não é assim, como a maioria dos jovens respondeu considerar-se feliz (dentro do reduzido e estatisticamente pouco significativo número de jovens que se considera pouco feliz, 31% são Angolanos).

Pensamos que para os gestores escolares, bem como para todas as instituições que intervêm na definição das políticas estratégicas/educativas e formação profissional, assume grande relevância constatar, que a maioria dos jovens dos diferentes grupos tem ideias bem definidas em relação ao que gostaria de vir a fazer, ambicionando ter uma boa profissão – diferente da dos seus progenitores – e mostrando por isso a intenção de

FIGURA 10
Distribuição dos diferentes grupos segundo o diálogo com os professores

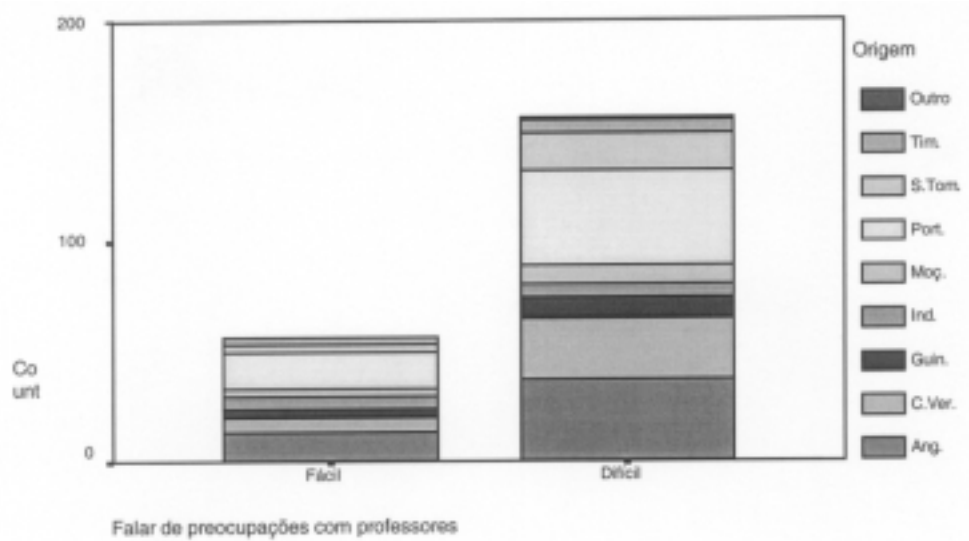


FIGURA 11
Distribuição dos diferentes grupos segundo as aspirações académicas

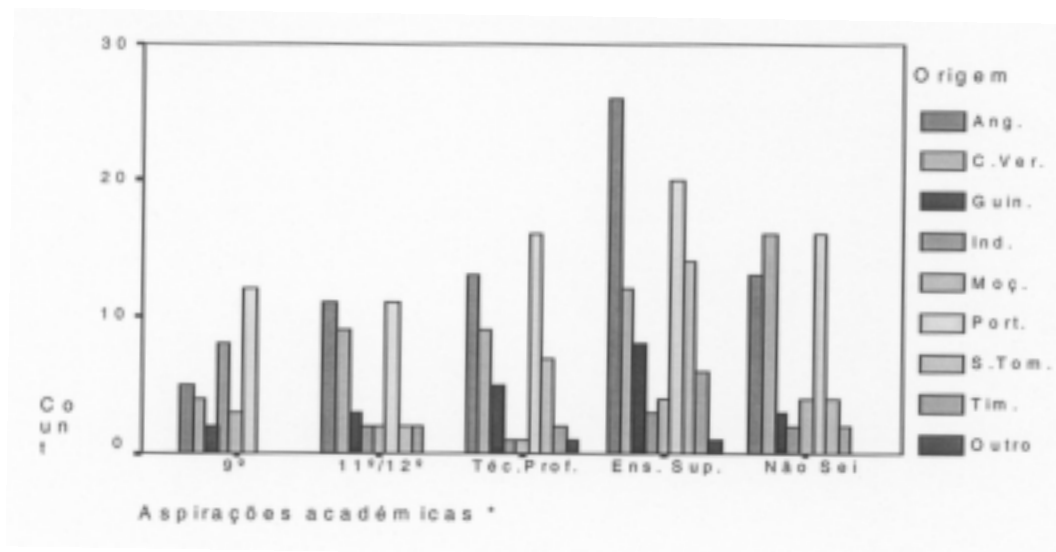
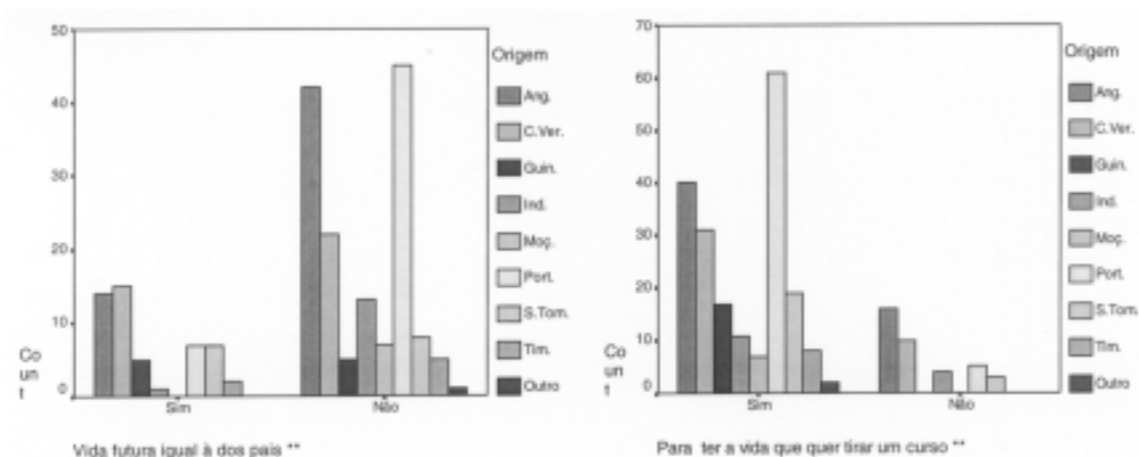


FIGURA 12
Distribuição dos diferentes grupos em função de perspectivas futuras



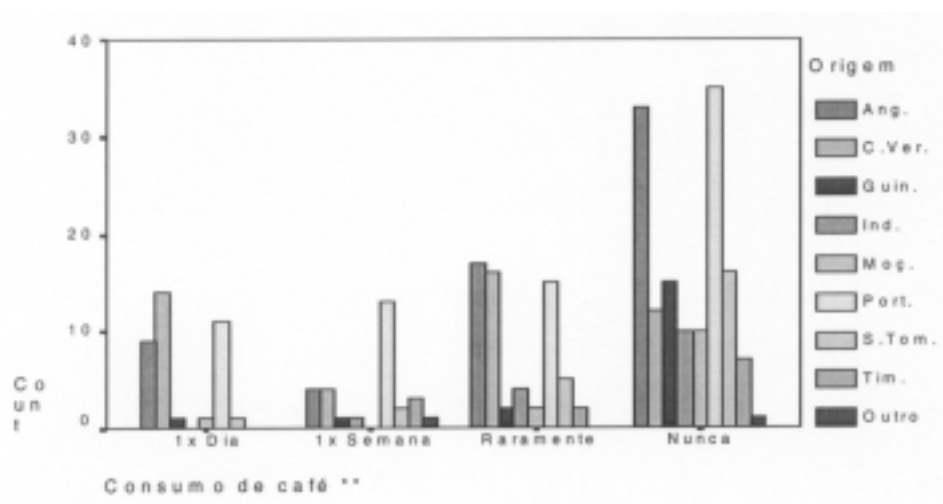
continuar os seus estudos. Este facto, revela que estes grupos não encaram passivamente o seu futuro mas, pelo contrário, estão dispostos a agir e intervir na sociedade portuguesa para promoverem o seu progresso económico e social, uns através de uma formação académica superior e outros prosseguindo uma formação técnico-profissional. E desta forma sublimam o estigma da marginalização.

A obtenção de um curso e procurar emprego após a escolaridade é importante para conseguir a vida que desejam, sendo-o para a totalidade dos Guineenses, Moçambicanos e Timorenses. Os Angolanos e Cabo-Verdianos detêm a percentagem mais elevada dos que consideram que a sua vida será igual à dos seus pais, mostrando um certo grau de conformismo e passividade e contrastando neste aspecto com os adolescentes dos outros grupos (Figura 12).

O apoio da família e amigos é relevante para a totalidade dos Moçambicanos e Timorenses, mas contar com aquele suporte não é importante para a maioria dos Angolanos e S. Tomenses. Os jovens têm uma perspectiva positiva e actuante da sua vida futura, atribuindo-se a capacidade de serem agentes do seu futuro – o que está de acordo com o «ocus de controlo interno» de Rotter em 1966 e Weiner em 1974 (cit. por B. Detry, & A. Cardoso, 1996).

Um leque variado de problemas de saúde do adulto e consequentes repercussões na duração e qualidade de vida surge como resultado de *hábitos alimentares* incorrectos – hábitos esses adquiridos, em fases anteriores de desenvolvimento, nomeadamente na infância e na adolescência. A adopção de comportamentos no âmbito alimentar faz parte integrante da educação dos jovens e mais largamente da sua sociabilização, sendo mais fácil e eficaz a indução de hábitos positivos nesta fase de adolescência, do que a modificação posterior, na fase adulta, de comportamentos já sedimentados. A modelação dos hábitos alimentares é ainda influenciada por condicionantes familiares e com particular pertinência para o nosso estudo, de natureza cultural. Assim no que se refere aos jovens por nós estudados, a ingestão de carne de vaca é quase inexistente entre os Indianos, estando de acordo com a sua cultura. Estes dados são consentâneos com a análise bibliográfica efectuada. De acordo com Michaud et al. (1991, cit. por B. Águas, et al., 1996), as influências de natureza familiar e cultural são as principais modeladoras dos consumos alimentares dos jovens. Adquire esta questão especial acuidade se considerarmos a importância de que se reveste para o adolescente a sua imagem, em fase marcada por alterações a nível biológico e psicossocial. Aspecto este evi-

FIGURA 13
Distribuição dos diferentes grupos segundo o consumo de café



denciado pelo facto de, no que se refere ao auto-conceito, os jovens do nosso estudo se sentirem maioritariamente satisfeitos consigo próprios, mas quando se verifica insatisfação esta dizer respeito ao aspecto físico (gordura). Os jovens que estudámos, independentemente da origem, parecem ter uma ingestão diária adequada no que se refere a fruta, cereais e leite. Para além da já referida influência cultural do enquadramento étnico-cultural específico dos adolescentes inquiridos, o nosso estudo permitiu-nos detectar algumas outras correlações entre os hábitos desses jovens e a sua elevada exposição à televisão. No contexto televisivo proliferam os produtos alvo de uma publicidade ofensiva e mesmo agressiva, senão tantas vezes enganosa, tendente a incutir e moldar os comportamentos «de moda» entre os jovens (como é no caso do consumo generalizado de determinadas marcas, sejam elas de refrigerantes, ou de batatas fritas).

Constata-se um consumo diário significativo de refrigerantes e doces em todos os grupos e de café nos Cabo-Verdianos, Portugueses e Angolanos (Figura 13), bem como uma ingestão mais elevada de hamburgers e salsichas entre os Portugueses, S. Tomenses e Timorenses. Os Portugueses distinguem-se ainda pelo consumo diário mais elevado de batatas fritas e carne de porco. O facto de os refrigerantes, doces, hamburgers e

salsichas serem consumidos predominantemente pelos amigos, sugere a sua disponibilidade no espaço escolar.

A ingestão de *álcool, tabaco e drogas ilícitas* (Figuras 14, 15 e 16), constitui um problema de reconhecida gravidade, tanto mais que o seu consumo pontual tem frequentemente início na adolescência, transformando-se depois, por vezes, num fenómeno habitual. O consumo de álcool reveste-se de especial importância pois constitui o primeiro e mais usado destes produtos, estando ainda o seu consumo associado à ocorrência de acidentes, ao despoletar de atitudes violentas e à passagem sequencial ao uso de outras substâncias.

Concluimos que nos jovens estudados, para qualquer das substâncias nocivas, os valores percentuais decrescem, conforme dizem respeito a uma primeira experiência ou ao consumo recente – o que permite deduzir o predomínio da experimentação e cessação de consumo. Constatámos a existência de consumo regular de álcool em 5.8% (sendo a bebida de consumo predominante a cerveja, seguida pelas bebidas espirituosas), de tabaco em 4%, e de drogas ilícitas em 1.4%.

Vários factores concorrem para influenciar o consumo de substâncias nos jovens, sejam de natureza individual, familiar, social ou cultural.

FIGURA 14
Distribuição dos diferentes grupos por experiência com álcool e consumo de cerveja

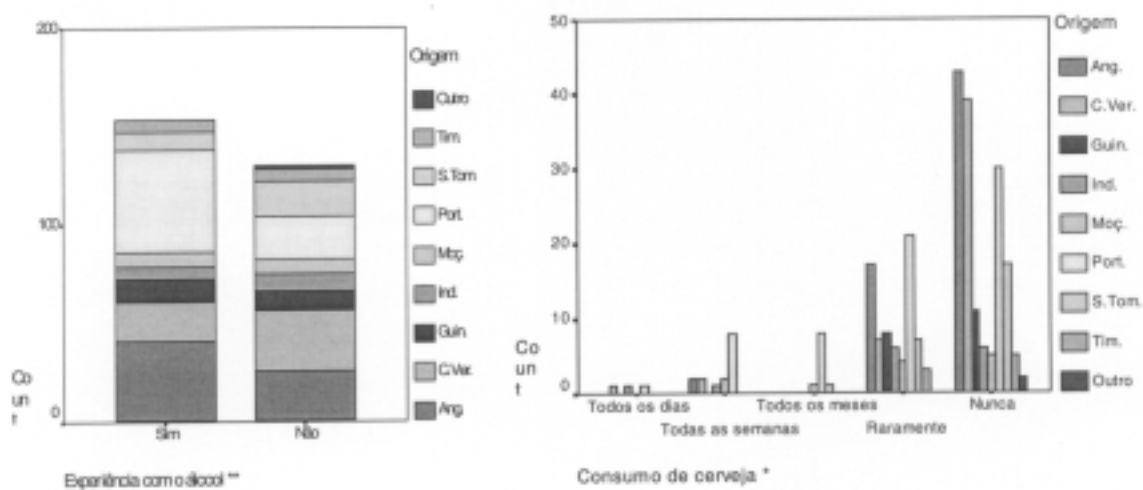


FIGURA 15
Distribuição dos diferentes grupos por experimentação de tabaco e idade da primeira experiência

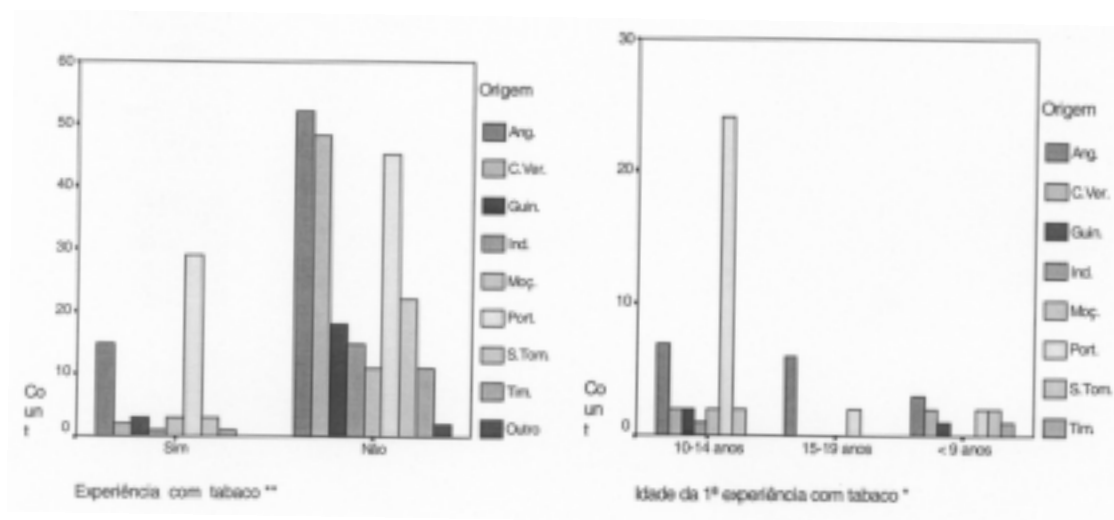
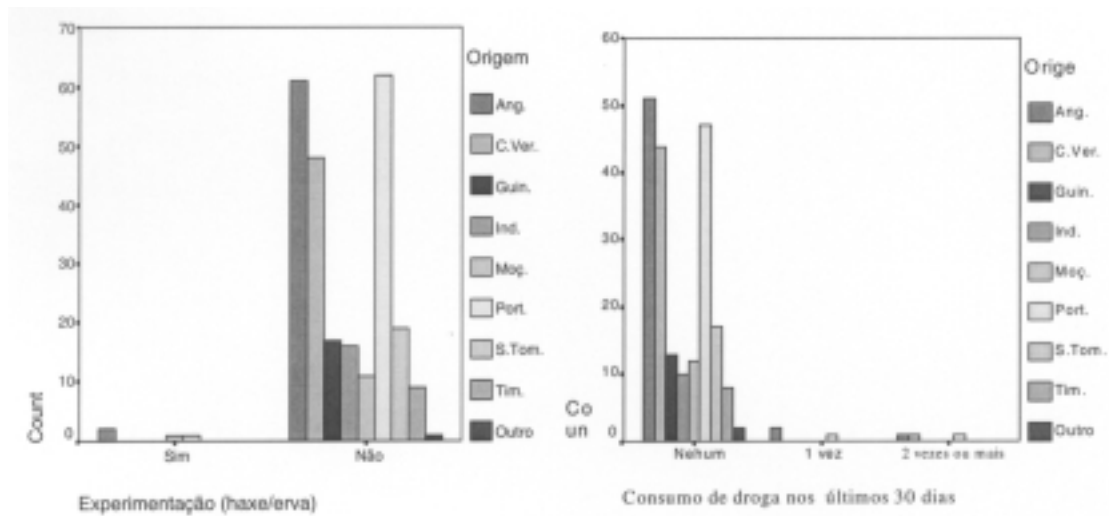


FIGURA 16

Distribuição dos diferentes grupos por experimentação e consumo de drogas ilícitas

Presumir-se-ia que os jovens oriundos de grupos étnico-culturais minoritários, pelo facto de estarem sujeitos a condicionalismos mais particulares – desenraizamento, discriminação, aculturação – deveriam evidenciar predominância de comportamentos perigosos, nomeadamente de consumo de álcool e tabaco. No entanto, a influência das práticas e modelos parentais, a existência de normas e a selecção de pares, parecem ser factores influenciadores dos consumos, levando os jovens de grupos minoritários a serem os que menos consomem estas substâncias nocivas. Nos jovens do nosso estudo a experimentação e consumo regular de álcool e tabaco relaciona-se significativamente com a idade e com o sexo dos jovens, predominando nos Portugueses e Angolanos cuja faixa etária se situa entre os 15-19 anos e nomeadamente no sexo masculino. O início do consumo regular de álcool verifica-se entre os 10-14 anos nos dois grupos. Já no que se refere ao tabaco, para os Portugueses situa-se naquele nível etário, enquanto que nos Angolanos se verifica a iniciação mais tardia, entre os 15-19 anos.

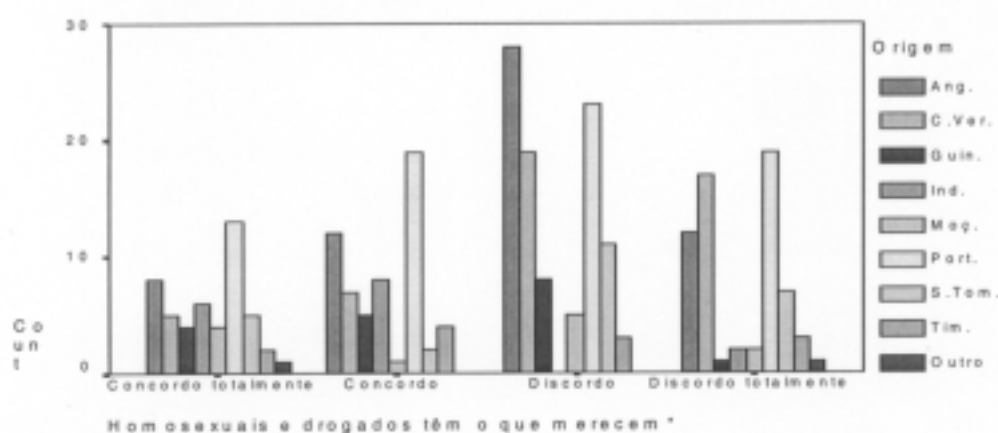
Nos Portugueses verifica-se o consumo regular de álcool e tabaco em percentagem mais elevada comparativamente aos adolescentes

Angolanos. Verificámos ainda que nos jovens Portugueses o consumo se verifica predominantemente com os amigos, e em segundo lugar com os pais, sendo também no agregado doméstico/familiar destes jovens, que se constata a maior percentagem de consumidores de álcool, e uma predominância dos fumadores. Relativamente aos jovens Angolanos, pode constatar-se uma percentagem mais significativa de elementos do agregado familiar não consumidores de álcool, e predominância dos não fumadores.

Também há uma distinção entre ambos os grupos no que respeita à frequência de discotecas, bares cafés e casas de jogos. Os Portugueses são os adolescentes que mais se envolvem em estados de embriaguez e detêm a predominância de envolvimento em episódios violentos. Acresce ainda que é neste grupo, que a maioria dos familiares e amigos aprova o consumo de substâncias sendo a aquiescência essencialmente relativa ao álcool, depois ao tabaco, e por fim à droga.

As teorias dos autores a seguir referidos podem oferecer uma explicação para estes dados por nós obtidos. Por exemplo Barnes e Welte (1986), Bachman et al. (1991) e Johnston et al. (1994), opinam que os jovens oriundos de gru-

FIGURA 17

Distribuição dos diferentes grupos segundo atitudes face a doentes com SIDA

pos minoritários se envolvem menos em comportamentos-problema; Catalano, et al. (1992) e Swaim et al. (1993) (cit. por E. R. Oetting, & J. F. Donnermeyer, 1998), concluíram existirem diferenças étnicas, na influência familiar, tendo as famílias de origem africana mais influência no uso de substâncias nos jovens do que as de origem europeia; Hawkins, Catalano e Miller (1992), verificaram que a influência da modelação de papéis familiares, e da selecção de pares consumidores determina comportamentos-problema; Hawkins e Fitzgibbon (1993), deduzem que os comportamentos do jovem podem ser aprendidos pela observação dos comportamentos dos pais.

Na nossa análise verificámos que, quer a experimentação quer o consumo regular de drogas ilícitas, predomina entre os jovens não Portugueses. A idade de iniciação situa-se entre os 13-15 anos, sendo a substância normalmente o haxixe, a erva e o chamon. Nestes grupos que tomam drogas ilícitas verifica-se a predominância de alguns amigos e familiares consumidores. Ora estas conclusões não estão em consonância com a revisão bibliográfica efectuada: Por exemplo nos EUA, Johnston (1994) concluiu a inexistência ou existência reduzida de consumos de drogas ilícitas nos jovens de origem africana, comparativamente aos de origem europeia.

No que respeita ao VIH/SIDA, concluímos que a maior parte dos jovens tem um nível de conhecimento mediano sobre a doença e do seu modo de contágio. Todavia subsistem ainda respostas que indiciam dúvidas. Nomeadamente, a maioria dos jovens Indianos e S. Tomenses desconhece a possibilidade de contágio através de objectos pessoais.

A atitude face à doença e pessoas com SIDA é na globalidade positiva embora algumas respostas sugeriram a persistência de medos: um número reduzido de jovens considera que não se deve sentar ao lado de pessoas com SIDA, mas em valor percentual igual ou superior 50%, são de opinião que não podemos partilhar casas de banho e vestiários com pessoas contaminadas. Verificam-se ainda nalguns grupos atitudes negativas face à doença e às pessoas contaminadas: Os Indianos consideram que o contágio pode ocorrer por contactos sociais (tocar numa pessoa com SIDA) e a sua simpatia para com os doentes depende da forma como contraíram a doença (concordam com o facto de os homossexuais e drogados terem o que merecem ao contrair a doença – Figura 17). O aspecto religioso é também diferente neste grupo. Consideram significativamente que a SIDA é um castigo divino, para punir as más acções das pessoas, podendo esta diferença estar relacionada com aspectos

inerentes à cultura destes jovens de origem indiana. Apesar de tudo, a informação é insuficiente, pela percentagem significativa de respostas «Não Sei» e pelo facto de os conhecimentos sobre SIDA serem adquiridos primeiro entre os amigos e só depois com os professores, seguindo-se os meios de comunicação e por fim a família. Estes resultados vêm corroborar as posições de vários autores: de Airhihenbuwa, Wingwood, e Lowe (1992), os quais acentuam que deve ser tida em consideração a heterogeneidade dos adolescentes, com valores e normas subculturais diversas, e a adequação ao nível de desenvolvimento; das pessoas que redigiram o texto da SIDA-Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA (1997), segundo as quais «É fundamental manter um bom nível de informação junto à população em geral, adaptando os dispositivos às pessoas e às situações particulares encontradas»; e de Ayres (1991), segundo a qual a estigmatização e o medo têm como razão fundamental «uma informação insuficiente, não em termos de quantidade, porque ela tem sido bastante, mas insuficiente em termos de qualidade».

Relativamente à *religião*, constata-se que predomina em larga maioria o Catolicismo, essencialmente nos jovens Timorenses, Cabo-Verdianos, Portugueses, Guineenses e Angolanos. Estes jovens, consideram que a sua religião não aprova o consumo de álcool, tabaco ou drogas. Do ponto de vista sociológico é interessante salientar que os adolescentes indianos hindus por nós consultados, consideram que a sua religião não discorda do consumo de álcool e tabaco, sendo mais permissiva relativamente ao primeiro.

Em relação à *opinião dos jovens* sobre os motivos que determinam o consumo de substâncias nocivas, concluímos que as razões dependem da substância e, nalguns casos, os motivos são inerentes às situações particulares vividas pelos grupos de jovens não Portugueses. O consumo de álcool tem como razões predominantes o estar associado a ocasiões festivas e a um sentimento de felicidade, ao consumo por familiares, a problemas financeiros e familiares, ao insucesso escolar e à disponibilidade nos locais que as pessoas frequentam. São ainda razões de importância significativa para os jovens S. Tomenses, Angolanos, Cabo-Verdianos o sentimento de marginalização, e para os Timorenses e Angolanos o sentir-se diferente dos outros. O

consumo habitual de tabaco, segundo os adolescentes alvo do nosso estudo, decorre de uma primeira experiência, de pretender mostrar adulez e ser mais considerado pelos outros, da influência do consumo por familiares (essencialmente para os jovens Portugueses), e amigos, da sua existência nos locais frequentados, dos efeitos e do sabor, e ainda de sentir-se diferente e posto de lado.

Para o consumo de drogas ilícitas, as razões mais evocadas são: gostar dos efeitos, desconhecer a perigosidade, sentir-se posto de lado, sentir-se diferente, a primeira experiência e os problemas familiares. Podemos assim afirmar que as razões evocadas pelos jovens do nosso estudo para o consumo das diversas substâncias nocivas são consentâneas com os factores e influências constantes da bibliografia analisada.

Para os adolescentes do nosso estudo a resolução dos problema de consumo e abuso de substâncias lícitas e ilícitas cabe, primeiramente, a cada um de nós e depois ao governo, devendo ser utilizados como meios: mais e melhor informação através dos meios de comunicação, mais amizade e solidariedade entre as pessoas (no que sobressaem os Cabo-Verdianos, grupo que mais se salientou por manifestar ser alvo de marginalização), mais e melhor informação nas escolas e por último revalorização dos laços familiares.

REFLEXÃO FINAL

A diversidade inerente à juventude determina a necessidade de abordagens específicas para os vários grupos culturais por parte dos agentes responsáveis pelo acompanhamento e formação dos jovens, bem como dos investigadores deste objecto de estudo. Os estudos para a avaliação dos comportamentos e ulterior prevenção de eventuais situações de risco, em diferentes grupos étnico-culturais, necessitam ter em consideração vários factores básicos para obtenção de resultados efectivos. Entre estes factores incluem-se o desenvolvimento da sensibilidade cultural e respeito pela personalidade individual, através do conhecimento e valorização dos diferentes saberes, crenças e comportamentos da população em causa. Quer o processo, quer o conteúdo das intervenções, têm que ser objectivados de acordo com as necessidades específicas e expe-

riências culturais desse grupo particular. Sendo assim os conhecimentos adquiridos podem influenciar as estratégias de actuação face a outros grupos étnico-culturais.

Com uma população estudantil de grande heterogeneidade cultural e linguística, a escola deve desempenhar funções de democratização, sendo o garante da igualdade de oportunidades ao favorecer a integração de jovens oriundos de grupos minoritários, desenvolvendo o espírito democrático e pluralista respeitador dos outros e das suas ideias, valorizando a diferença e promovendo simultaneamente o desenvolvimento pessoal e social dos educandos. O papel do professor é fundamental na promoção, nos jovens, do desenvolvimento das capacidades de decisão e de escolha de estilos de vida saudáveis. Sequencialmente ligada à função docente, a formação de professores será uma pólo de intervenção fulcral, devendo ter como objectivo uma formação pluricultural que contemple a valorização das características e culturas das várias populações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Airhihenbuwa, C., DiClemente, R., Wingwood, G., & Lowe, A. (1992). VIH/AIDS education prevention among African-Americans: A focus on culture. *Journal of AIDS Education and Prevention*, 4, 251-260.
- Águas, B., Diniz, A., & Fonseca, H. (1994). Adolescência e minorias étnicas – Um estudo comparativo. *Revista Portuguesa de Pediatria*, 25, 426-428.
- Águas, B., & Fonseca, H. (1996). Estudo dos hábitos alimentares de uma população adolescente. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 27 (4), 693-697.
- Amey, C. H., Albrecht, S., & Miller, M. K. (1996). Ethnicity and substance use – Racial differences in adolescent drug use: The impact of religion. *The International Journal of the Addictions*, 30 (3).
- Angeja, M. O. (1996). *Inserção dos jovens de origem africana no sistema escolar português: o que dizem e fazem os professores de uma escola*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa.
- Ayres, L. (1991). Precisamos aprender a viver com a Sida. *Revista Saúde e Escola*, 8, 15-16.
- Bachman, J. G., Wallace, J. M., O'Malley, P. M., Johnston, L. D., Kurth, C. L., & Neighbors, H. W. (1991). Racial/ethnic differences in smoking, drinking, and illicit drug use among American High School Seniors, 1976-89. *American Journal of Public Health*, 81, 372-377.
- Barnes, G., & Welte, J. (1986). Adolescent alcohol abuse: Subgroup differences and relationships to other problem behaviours. *Journal of Adolescent Research*, 1, 79-94.
- Barnes, G., & Welte, J. (1986). Patterns and predictors of alcohol use among 7-12th grade students in New York State. *Journal of Studies on Alcohol*, 47, 53-62.
- Berry, J., & Annis, R. (1974). Acculturative stress: The role of ecology, culture and differentiation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 4 (5), 382-406.
- Boruch, B., Coleman, D., Doria-Ortiz, C., Girouard, S., Goodman, A., Hudson, L., Kraus, J., Maseru, N., Prothow-Sith, D., Rugg, D. L., Stark, E., Stephens, R. D., & Sterling-Scott, R. (1991). Violence prevention strategies targeted at the general population of minority youth. *Public Health Reports*, 106, 247-250.
- Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA (1997). *Contra a SIDA*. Plinfo Informação, Lisboa.
- Ferreira, O. (1999). *SIDA-A Situação em Portugal a 31 de Dezembro de 1998*. Lisboa: Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA, Doc. 113.
- Conrad, K. M., Flay, B. R., & Hill, D. (1992). Why children start smoking cigarettes: Predictors of onset. *British Journal of Addiction*, 12 (7), 1711-1724.
- Detry, B., & Cardoso, A. (1996). *Construção do futuro e construção do conhecimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, Textos de Educação.
- Donovan, J. E., Jessor, R., & Costa, F. M. (1988). Syndrome of problem behavior in adolescence: A replication. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 762-765.
- Donovan, J. E., Jessor, R., & Costa, F. M. (1991). Adolescent health behavior and conventionality-unconventionality: An extension of problem behavior theory. *Health Psychology*, 10, 52-61.
- Ferreira, M. (1993). Conhecimentos sobre SIDA na população dos 10.º, 11.º e 12.º anos das Escolas Secundárias da Região Autónoma dos Açores. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 10 (1), 6-12.
- Ferreira, M., Sakellarides, C., Gonçalves, J., & Castanheira, J. (1999). *SIDA: A situação em Portugal a 31 de Dezembro de 1998*. Doc. 113, Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA, Instituto Nacional de Saúde, Lisboa.
- Flay, B. R. (1985). Psychosocial approaches to smoking prevention: A review of findings. *Health Psychology*, 4, 449-488.
- Flay, B. R. (1993). Youth tobacco use: Risks, patterns and control. In J. Slade, & C. T. Orleans (Eds.), *Nicotine addiction: Principles and management*. London: Oxford University Press.
- Flewelling, R. L., & Bauman, K. E. (1990). Family structure as a predictor of initial substance use and sexual intercourse in early adolescence. *Journal of Marriage and Family*, 52, 171-181.

- Frasquilho, M. (1996). *Comportamentos-problema em adolescentes: Factores protectores e educação para a saúde – O caso da toxicodependência*. Lisboa: Laborterapia.
- Frasquilho, M. (1998). Estilo de vida, comportamentos e educação para a saúde. Comportamento-problema e comportamento saudável segundo os adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 16 (1), 13-19.
- Gibbs, J. T. (1984). Black adolescents and youth: An endangered species. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 6-21.
- Gibbs, J. T., & Hines, A. M. (1989). Factors related to sex differences in suicidal behaviour among black youth: Implications for intervention and research. *Journal of Adolescent Research*, 4, 152-172.
- Hansen, W. B. (1988). Theory and implementation of the social influence model of primary prevention. In K. H. Rey, C. L. Gaegre, & P. Lowery (Eds.), *Prevention Research Findings*. Rockville, MD: DHHS, PHS, ADAMHA.
- Hansen, W. B., Rose, L. A., & Dryfoos, J. G. (1993). *Causal factors, interventions and policy considerations in school-based substance abuse prevention*. Report Submitted to the Office of Technology Assessment, United States Congress.
- Hawkins, J. D., Catalano, R. F., & Miller, J. Y. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112 (1), 64-105.
- Hawkins, J. D., & Fitzgibbon, J. J. (1993). Risk factors and risk behaviors in prevention of adolescent substance abuse. *Adolescent Medicine State of the Art Reviews: Adolescent Substance Abuse and Addictions*, 4 (2), 249-262.
- Igra, V., & Irwin Jr., C. (1996). Theories of adolescent risk-taking behavior. In R. J. DiClemente, W. B. Hansen, & L. E. Ponton (Eds.), *Handbook of adolescent health risk behaviour*. New York: Plenum Press.
- Johnston, L., O'Malley, P., & Bachman, J. (1994). *Survey results on drug use – Monitoring the future study (I, 1975-1993)*. Rockville: National Institute of Drug Abuse.
- Oetting, E. R., & Donnermeyer, J. F. (1998). Etiology of substance use – Primary socialization theory: The etiology of drug use and deviance. *The International Journal of the Addictions*, 33 (4), 995-1015.
- Segal, B. (1997). Sociocultural perspectives on volatile solvent use. *Drugs and Society – A Journal of Contemporary Issues*, 10 (1/2), 70-99.
- Wallace, J. M., Bachman, J. G. (1994). Validity of self-reports in student-based studies on minority populations. In *Drug Abuse Among Minority Youth*, NIDA Research Monograph, Rockville.
- Wallace, J. M., Bachman, J. G., O'Malley, P. M., & Johnston, L. D. (1995). Racial/ethnic differences in adolescent drug use: Exploring possible explanations. In G. Botvin, S. Schinke, & M. Orlandi (Eds.), *Drug abuse prevention with multiethnic youth*. New York: Sage Publications.

RESUMO

Estudo dos comportamentos de jovens adolescentes, de origem étnico-cultural diferenciada, nas áreas familiar, escolar, pessoal, social e religiosa, relativas à identidade, aos hábitos de lazer, aos hábitos alimentares e ao consumo de substâncias tóxicas e factores àquele associados, bem como a opinião dos jovens quanto às razões que determinam os consumos prejudiciais e possíveis soluções.

Palavras-chave: Adolescentes, minorias étnicas, estilos de vida.

ABSTRACT

Study of the lifestyles of adolescents from different ethnic and cultural origins concerning the areas – family, school, individual and societal, religion, identity, leisure, eating habits, substance use and influencing factors – as well as the youngsters' opinions regarding the reasons which determine substance use and also possible solutions for the problem.

Key words: Adolescents, ethnic minorities, lifestyles.